



ኑ፡ረሲኑ፡ዱ፡ሚሱ፡ ደ፡ኖቡ፡ኮም፡ሱ፡
ፓሲ፡ሴሱ፡ም፡ርሱኒ፡ ምሱ፡ ማንቱ፡።

Pouco ou quase nada se sabe sobre o manuscrito ET-748^a dos *Archivi Abissini* da Biblioteca Marciana de Veneza (BM). Trata-se de um pequeno volume de vinte e quatro folhas de pergaminho em formato *in-quarto*, rudemente cosidas entre si e guardadas numa bolsa de pele de vaca, forrada no interior com um pano de chita indiana.

É um livro em escrita etiópica (propriamente, uma forma pouco sofisticada do silabário *fidel*), com várias páginas contendo iluminuras policromáticas, claramente referenciáveis ao chamado primeiro estilo gondarino, típico da arte da corte real dos cristãos ortodoxos etíopes no século XVII.

O conteúdo do pequeno livro é profundamente enigmático. Um breve prefácio, com várias anotações em língua amárica nas suas margens, acompanha uma curiosíssima transliteração, num português fonetizado através do recurso aos caracteres do silabário etiópico, de uma versão do poema paleocristão de provável origem síriaca intitulado *Hino do Apóstolo Judas Tomé*, também conhecido como o *O Hino da Pérola*.

Infelizmente, os catálogos da BM não fornecem nenhuma indicação sobre a proveniência de tal manuscrito, e os filólogos que têm estudado as versões antigas do mais representativo dos hinos gnósticos ligados aos cristãos de São Tomé não parecem ter qualquer conhecimento desta tardia versão portuguesa, seguramente produzida na Etiópia do século XVII.

Também as cartas dos missionários jesuítas guardadas nos arquivos romanos da Sociedade de Jesus (ARSI) e no Arquivo Distrital de Braga são de pouca ou nenhuma utilidade para esclarecer a razão do surgimento deste eclético documento ou a identidade do seu autor.

Em visita recente ao norte da Etiópia, mostrei a diversos letrados e clérigos fotocópias realizadas a partir do microfilme do manuscrito, fornecidas pelos serviços de reprografia da BM. Como suspeitava, nenhum foi capaz de proceder à sua leitura, apesar de estar escrito em *fidel*, já que não conhecem nada da língua portuguesa. Um ou outro dos entrevistados mais idosos, que guardam ainda noções de italiano (aprendidas no tempo da breve colonização do país, de 1935 a 42), pareciam reconhecer alguns termos, mas não o suficiente para entenderem o sentido dos versos.

Algumas entrevistas preliminares realizadas na velha cidade de Gondar levantam, no entanto, uma ponta do véu da fascinante bizarria que é o manuscrito ET-748^a. A tradição oral (*afatarik*) sugere que alguns padres ou leigos jesuítas teriam preferido converter-se à ortodoxia a ser expulsos ou mortos em 1634, quando o rei Fasiladas proibiu o culto católico no país. Este manuscrito será então um elo fulcral para compreender, a uma nova luz, os contornos do dramático confronto teológico e cultural que opôs católicos e ortodoxos nos longínquos planaltos etíopes, durante os primeiros anos do reinado de Filipe IV de Espanha, III de Portugal.

Este é o hino que Judas-o-Apóstolo cantou no país dos indianos.

Quando eu era jovem,
E vivia no reino do meu pai,
Satisfeito com a riqueza e a sumptuosidade da minha família,
Do Oriente os meus pais me enviaram, devidamente aprovisionado;

Ouro de Beth-'Elläyë e prata de Gazak a grande,
Rubis da Índia, e ágatas de Beth-Kāshān;
Do nosso tesouro generosamente retiraram e um fardo enfeixaram
Grande e ainda assim leve, para que eu próprio carregasse.

Proveram-me com a pedra adamantina que pode esmagar o ferro.
E despiram-me o manto resplandecente,
Que afectuosamente me haviam confeccionado,
E a toga púrpura, tecida à minha medida.

Fizeram um pacto comigo,
E o inscreveram no meu coração, para que não fosse esquecido:

“Se tu desceres ao Egipto, e nos trouxeres a pérola
Que se encontra no mar, guardada pela serpente de sopro ruidoso,
Voltarás a vestir o teu manto resplandecente

E a tua toga, na qual te deleitas.
E com o teu irmão, nosso segundo em autoridade,
Serás herdeiro do nosso reino.”

Desci do Oriente,
Acompanhado por dois guardas,
Porque o caminho era perigoso e difícil,
E eu demasiado jovem para o percorrer só.

Atravessámos as fronteiras de Maishän,
 Ponto de encontro dos mercadores vindos do Oriente;
 Atingimos a terra de Babel,
 E penetrámos as muralhas de Sarbürg.

Ao chegar ao Egipto, os meus companheiros se despediram de mim.
 Avancei para a serpente, e vivi perto do seu antro,
 (Esperando) até que ela adormecesse,
 Para lhe poder roubar a pérola.

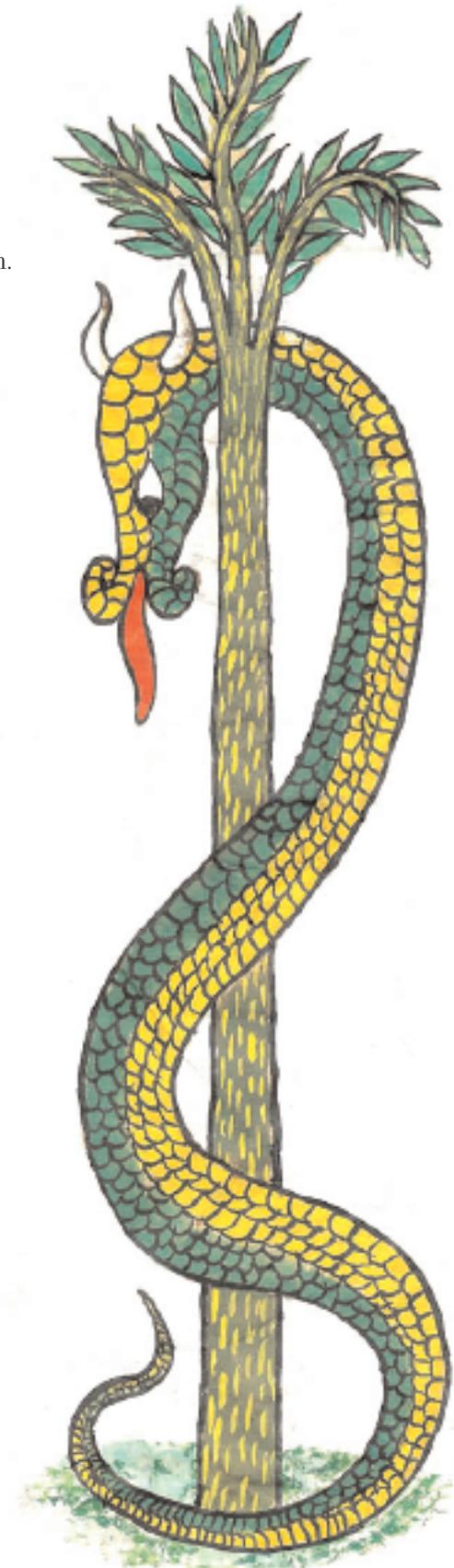
Estando só e sem companhia
 Tornado um estranho perante os meus meus,
 Um homem livre da minha raça,
 Um oriental, encontrei ali.

Um jovem belo e adorável,
 Filho de mercadores de óleos;
 Se aproximou e se ligou a mim,
 E fiz dele meu íntimo amigo.

A este amigo, a este íntimo,
 Com quem eu partilhei os meus bens,
 Eu alertei contra os egípcios,
 E contra a união com o imundo;

Vesti-me com os hábitos dos egípcios,
 Para que eles me não abominassem,
 Porque eu estava ali para levar comigo a pérola,
 E despertar contra mim a serpente.

Mas, ainda assim, conseguiram descobrir
 Que eu não era da sua raça,
 E me trataram traiçoeiramente,
 Oferecendo-me da sua comida.



Assim, esqueci que era um filho de reis,
Servi o seu rei e esqueci a pérola,
pela qual os meus pais me tinham enviado,
E me perdi num sono profundo.

Mas todas estas coisas que comigo aconteceram,
Os meus pais as perceberam, e tristes ficaram por mim;
Foi feita uma proclamação no nosso reino,
Para que todos viessem até aos portões do nosso palácio,

Os Reis e príncipes da Pártia,
E todos os nobres do Leste.
Conceberam um plano para me salvar,
Para que eu não fosse abandonado no Egipto;

Foi assim escrita uma carta,
Na qual todos os nobres assinaram o seu nome:

“Do teu pai, rei dos reis, e da tua mãe, senhora do Leste,
E do teu irmão, que nos secunda (em autoridade),
Para ti nosso filho, que estás no Egipto, saudações!

Levanta-te e acorda do teu sono,
E ouve as palavras da nossa carta!
Lembra-te que és filho de reis!

Vê a escravidão, e a quem tu serves!
Lembra-te da pérola,
Pela qual tu foste enviado ao Egipto!

Pensa no teu manto,
E lembra-te da tua toga esplêndida,
Aquele que usarás e (com a qual) tu serás adornado,

Quando o teu nome puder ser inscrito na lista dos valorosos,
Com o teu irmão, nosso vice-rei,
Serás senhor do nosso reino!”

Esta carta o rei selou,
Com a sua própria mão direita,
(Para a proteger) dos malditos, das crianças de Babel,
E dos demónios selvagens de Sarbürg.

A carta voou até mim
Com a aparência de uma águia, rainha das aves;
Voou e iluminou-se junto de mim,
E tornou-se fala.

À sua voz e ao som do seu retinir,
Levantei-me e despertei do meu sono.
Segurei-a e beijei-a,
E comecei a lê-la;

E tais como as palavras inscritas no meu coração,
Assim estavam escritas as palavras da carta.
Lembrei-me que era filho de pais reais,
E o meu nascimento nobre me devolveu a natureza.

Lembrei a pérola,
Pela qual eu tinha sido enviado ao Egipto,
E comecei então a encantar
A terrível serpente de sopro ruidoso.

Aquietei-a para que repousasse e embalei-a para que adormecesse,
Sobre ela, o nome do meu pai eu evoquei,
E assim também o nome do que o secunda (em poder),
E o da minha mãe, rainha do Leste.

Arrebatei-lhe a pérola,
E afastei-me, para regressar ao reino de meu pai.
Os vestidos sujos e imundos eu despi,
Quando abandonei aquele país;

Tomei o caminho de regresso
Até à da nossa morada de luz, o Oriente.
E a carta, a que me despertou,
Eu a vislumbrei perante mim, na estrada;

E, assim como a sua voz me tinha acordado,
(Também) a sua luz me guiava agora.
Ela, que habitava o palácio,
Iluminava com a sua forma o caminho à minha frente.

Com a sua voz e a luz que me guiava
Me encorajava a apressar.
E com o seu amor por mim
Ela me incitava a continuar.

Avancei (e) atravessei Sarbürg;
Deixei Babel sobre a minha esquerda;
E cheguei à grande Maishän, abrigo de mercadores,
Que assenta nas costas do mar.

De Rämthä e Reken, os meus pais a mim enviaram
O manto de cores vivas que eu tinha antes despido,
Bem como a toga que nele se envolvia,
Pela mão dos seus tesoureiros, a quem a missão foi confiada.

E porque eu não recordava já a sua forma,
- porque, ainda criança, eu o tinha deixado na morada de meu pai, -
Me surpreendi pois, quando o recebi,
O meu vestido se tornou-se espelho de mim próprio.

Eu o vi como um todo,
 E como um todo o recebi,
 Porque éramos dois em distinção
 E ainda assim um numa única aparência.

E também aos tesoureiros,
 Que o tinham trazido a mim, eu vi de igual maneira
 Serem dois e (no entanto) uma aparência,
 Porque um sinal do rei estava inscrito sobre ambos.

Por suas mãos e com sua ajuda
 Ele renovou a minha confiança e saúde,
 E assim também o meu manto decorado,
 Adornado com cores gloriosas.

Com ouro e berílios, ágatas e rubis, e sardónicas variadas.
 Foi habilmente trabalhado na morada do Alto,
 Com colchetes de diamante
 Foram suas costuras arrematadas;

E a imagem do rei dos reis
 Nele foi bordada e representada;
 Tal como a pedra da safira
 Os seus tons variavam.

Apercebi-me que sobre todo ele
 Os instintos do conhecimento começavam a trabalhar,
 E vi ainda que ele se preparava para falar.
 Ouvei o som dos seus tons, que emitia com o seu (-):

“Eu sou o activo em feitos.
 Quando eles te preparavam perante o nosso pai;
 Me apercebi que a minha medida crescia
 Na proporção dos teus trabalhos.”



E, com seus movimentos reais,
Se derramou inteiramente sobre mim,
E, das mãos dos seus transportadores,
Se precipitou para que eu o tomasse.

O amor me incitou a correr para o encontrar e o receber;
E avancei para o tomar.
Com a beleza das suas cores me adornei,
E completamente me envolvi no meu vestido de cores brilhantes.

No reino de meu pai, eu me reuni de novo com o meu manto,
Que me anunciou que até ao portão do rei dos reis eu deveria ir.
Com as minhas oferendas e a minha pérola,
Envolto nele eu deveria apresentar-me ao nosso rei.

E junto ao portão do seu palácio,
Convivi com os seus príncipes,
Ele se alegrou comigo e me recebeu,
Enquanto os seus servos o louvavam.

Envolto no manto, subi ao palácio.
Com uma vénia saudei e adorei a majestade,
O meu pai, que me tinha devolvido ao reino.
Eu cumpri os seus mandamentos, e ele cumpriu o prometido.



ቡሳንዲ፡ ሌሎ፡ ሌሎ፡	ከም፡ ስ፡ ሪኮዘ፡ ስ፡ ሰም
ዙጮም፡ ሲ፡ ቪቪስ፡	ፕቲሲዲደ፡ ደ፡ ማፕ፡
ኑ፡ ሪሲኑ፡ ዲ፡ ማሱ፡	ሬማ. ሲስ ፡ ጁ፡ ሶርሶኒት
ፓሲ፡ ሠቲሽ ሪሲቲ፡	ሱሽ፡ ማሱሽ፡ ፓሲሽ፡